

LUIZ CARAMASCHI

EGOÍSMO SÁBIO

EDITORA SOCIEDADE FILOSÓFICA LUIZ CARAMASCHI
Praça Arruda, 54 - Caixa Postal 44 - 18800-000 - Piraju - SP
Fone (14) 3351.1900

ÍNDICE

- I – Da Discussão Nasce a Luz
- II – Meditação Sobre o Valor
- III – A Dinâmica dos Valores
- IV – Que São os Valores ?
- V – O Egoísmo Sábio
- VI – Os Valores e a Moral São Absolutos

*“A virtude é o egoísmo munido
de óculos de alcance”*

La Mettrie

I – DA DISCUSSÃO NASCE A LUZ

Já foi dito, alhures, que Árago Pandagis é professor aposentado, residente na cidade de Cananéia, vivendo, ali, na calma que o ambiente lhe proporciona, longe do bulício das grandes

metrópoles. Aproveita ele seu tempo para ler e pensar, e se descansa desses labores, quando se entrega a outros, de outra espécie, que é arrastar as redes com os demais pescadores, andar, com eles, em suas canoas e pescar. Foi dito, também, noutro lugar, que, certo dia, estava o mestre a retecer sua rede sentado no terreiro de um barraco que possui próximo à foz do rio Mandira, quando lhe apareceu Chilon Aquilano que o fez, de novo, voltar ao convívio de rapazes e homens estudiosos, só que, agora, não mais em curso regular, nem obedecendo a currículos escolares. Sua casa de Cananéia, próxima ao mar de Cubatão, passou a ser freqüentada por aqueles ardorosos rapazes que tinham uma pergunta a fazer, não havendo a quem dirigir.

Além dos já citados Chilon Aquilano, Benedito Bruco, Hierão Orsoni, Basílio Desiró, Bernardo Jação, Alcino Licas, Bento Caturí, Frederico Hening, passaram a pertencer ao grupo Antonio Varrão, Arlindo Helisiano, Virgílio Hurão, Romão Sileno, João Iguano, Maurício Scharba e ainda outros. A sala da biblioteca, onde os estudiosos se reuniam, embora espaçosa, já começava a não permitir mais gente.

Todos estes estavam presentes, quando, tomando a palavra, disse Alcino Licas:

– O senhor, em várias oportunidades, fez referência ao amor como sendo egoísmo dilatado; será que poderia discorrer sobre isso, desenvolvendo esse ponto?

Árago mostrou-se surpreendido com a proposta de Alcino Licas, olhou para os demais, e viu neles sinal de aprovação. Depois de ponderar, em silêncio, certo tempo, respondeu:

– Bom. Eu concordo em estudar com vocês essa matéria; não que eu a saiba pormenorizadamente para ensiná-la, porém, todos juntos podemos discuti-la. A matéria, eu a tenho na cabeça, mas de forma nebulosa, intuitiva, difusa. A discussão é poderoso excitante intelectual; premido por perguntas e apertado por argumentos, a inteligência se torna ágil e as respostas aparecem. Está certo o aforismo que afirma: “da discussão nasce a luz”. A dialética é isso. Sócrates, Platão, Aristóteles, todos tinham discípulos, porque a melhor maneira de aprender é ensinar. E uma vez que nosso assunto é *egoísmo dilatado*, tiremos, já nossa primeira lição: Sócrates, Platão e Aristóteles gostavam de ensinar, tinham discípulos, não tanto porque quisessem ensinar, porém, mais, porque queriam aprender. Sócrates precisava ensinar para aprender, e, para aprender, ensinava. Quando ele abordava uma questão, não sabia nada, e o declarava; no fim, ele saía sabendo tudo o que lhe permitia a discussão. Platão, nos seus “Diálogos”, nos mostra um Sócrates falso que diz não saber mas sabe; porém, o Sócrates da vida real, esse saía às ruas de Atenas para estudar... discutindo... Se vocês quiserem, com este ânimo socrático de não saber nada de antemão, podemos abordar o assunto do egoísmo dilatado.

A estas palavras de Árago, Alcino Licas consultou a pequena assembléia com os olhos; e obtendo o sim de todos, falou por eles:

– Está aceita a condição. Ninguém sabe nada, e todos vamos estudar e discutir juntos. Mas o senhor, sendo o mais idoso, experiente e culto, vai-nos dizer como principiar os primeiros passos nesta estrada.

– Está bem. Começemos por saber o que é o egoísmo; que é ele, Licas ?

– É um sentimento. É o sentimento de posse sobre alguma coisa.

– E as ações, a conduta, os hábitos, os atos também não são desejados, e queridos, e possuídos?

– Claro que são, se forem bons, e, rechaçados, se maus.

– E como é que vou saber se uma ação é boa, se um ato é nobre, se uma conduta é moralmente sadia, para o desejar e querer? Você acha que o asseio, a limpeza são bons ?

– Acho, é claro!

– No entanto, como nô-lo declara Bertrand Russell, os havidos por santos, na Idade Média “encaravam a limpeza com aversão”. Os piolhos eram chamados “pérolas de Deus”, constituindo um sinal de santidade¹. Tendo *santo* a mesma raiz etimológica que *sábio*, e sábio era o que provava ou degustava os alimentos para *saber* quais eram os *sádios* para a tribo, então, *santo*, *sábio*, *saber*, *sabor*, *saborear*, *saúde*, *sadio*, etc., provêm de uma mesma raiz. Por causa disto, como a sujeira física era um *senal de santidade*, o oposto disto, *o asseio corporal era pecaminoso* em toda a Europa cristã medieval. No Brasil colonial também não se tomava banho, sobretudo, os nobres a não ser às escondidas, e isto, sob o pretexto de que “os nobres não se sujam”. Daí o ter eu ouvido dizer,

¹ Bertrand Russell, Obras Filosóficas, II, 81

numa aula de história, que D. João VI, estando doente, o médico lhe receitou: *tomar banho!* Ora! como já dizia Vieira, “quem estima vidros, cuidando que são diamantes, diamantes estima, e não vidros; quem ama defeitos, cuidando que são perfeições, perfeições ama, e não defeitos”². À vista disso, prezado Licas, para querermos possuir uma coisa, ou praticar um ato, ou formar nossa conduta, precisamos saber o que é bom e o que o não é. E como é que um medieval iria saber se o asseio é bom ou não? Os piolhos humanos, quem o diria?, foram considerados “pérolas de Deus”!...

Alcino Licas ficou meio banzado com o encaminhamento da discussão. Pôs-se a meditar e tentou outra saída:

– Quando eu defini o egoísmo, dei-o como sendo o sentimento de posse sobre seres, coisas, hábitos, condutas, tudo o que podemos desenvolver, adquirir e possuir como nossos, se são bons. O desejarem os medievais cristãos a sujeira do corpo como bem, por ser isso penitência, por consistir isso desprezo da carne, do mundo, nos leva à compreensão de que tudo aquilo estava errado. Outrora amou-se a sujeira; ama-se, agora, o asseio. O caso é, então, de estudarmos o que são limpeza, asseio, sujeira, bem, mal, beleza, fealdade, e os outros valores como estes. Temos que estudar os valores; tudo são valores.

– Como vêem – tornou Árago – nós queremos as coisas pelo que elas valem. O egoísmo, conforme a definição aí do Licas, é o desejo de ter, de possuir seres, coisas, de praticar atos, ações, etc. Mas tudo isto, levando-se em conta o valor destas coisas. Jamais vai alguém desejar possuir aquilo que reputa sem nenhum valor; o que não vale nada não excita o desejo de posse de ninguém. Quando se cuidava, a começar pelos gregos, que o mundo era *não-ser*, e, por isso, mau, como o corpo é parte do mundo, o corpo era mau. Martirizar o corpo, portanto, com cilícios, com desconfortos e repetidos e prolongados jejuns era bom. Separava-se, então, a alma do corpo, para conferir valor a tudo o que pertencesse à alma. Hoje que sabemos ser impossível alma sem corpo, concluímos ser este tão importante como aquela. Não há a tal primazia do espírito sobre a matéria porque ambos se completam, como tese e antítese, na unidade do ser. Esta concepção veio redimir o corpo e, ipso facto, o mundo pelo qual temos de lutar, melhorando-o. Quando, com os gregos, se acreditou que a razão era tudo, pois até Deus se ocupava só de pensar sobre o pensar, todo trabalho manual era considerado vil. Daí o desprezo pelos artistas e artesãos, ainda que se chamassem Fídias e Apeles. Toda a Europa medieval desprezava trabalhos manuais, pois as letras e a filosofia eram tudo para todos em matéria de valor. Foi preciso vir a Renascença para quebrar os grilhões e libertar o pensamento fundando-o na experiência. Todo mundo já teve a experiência de que uma gota d’água produz o efeito de lente de aumento. Porém, os gregos não quiseram pensar sobre isso, porque, sendo empirismo puro, ipso facto, não se tratava de uma dedução racional. O resultado foi que as descobertas científicas, no caso, o microscópio e o telescópio, só foram possíveis na Renascença.

Neste ponto interveio Antonio Varrão concluindo:

– Quer dizer, então, que os valores não se acham só nas coisas, mas nas nossas condutas morais, nas nossas formas intelectuais de pensar, nas nossas atitudes, nas nossas maneiras de estar frente à vida, frente ao mundo; o valor está na nossa cultura, está em nós mesmos. Nós nos tornamos mais ou menos valiosos, conforme nos acercamos e nos saturamos dos valores de uma dada época. Ser artista plástico na antiga Grécia era ser vilão. Felipe repreendeu Alexandre, o depois chamado Magno, seu filho, por haver ele cantado com desembaraço e arte, acompanhando os demais cantores. Aristóteles diz que nenhum moço bem nascido gostaria de ser um Fídias ou um Apeles. Em contrapartida, no Brasil colonial ser doutor, médico ou advogado, era o supra-sumo, era quase como portar um título de nobreza. Esse título está hoje desgastado pelo uso indevido que se faz dele.

– Indevido como? – atalhou Desiró.

– Indevido – continuou Antonio Varrão – pelo seguinte: todos sabemos que para ser doutor, o formado precisa, primeiro, fazer, expor e defender uma tese de pós graduação, e, depois, uma outra, de doutoramento. Pois o recém-saído da escola, sem mais aquela, põe uma placa na parede do seu local de trabalho, onde se lê: Dr. Fulano de Tal. Por causa disto, certo professor de escola universitária aqui destas bandas, tendo sido chamado de doutor, replicou: “Meu amigo: doutor, por tradição é pinico, e, por esnobação, dentista”.

Depois que terminaram os comentários e os risos que a nota chistosa produziu, retomando a palavra, prosseguiu Varrão:

² Vieira, Sermões, 3, 378 - Ed. das Américas

– Como todos estamos vendo, o título de *doutor* começa a piorar-se, como outrora ocorreu com o vocábulo *sofista* que, entretanto, quer dizer *sábio*.

E concluiu Antonio Varrão, voltando-se para Árago:

– Assim, uma coisa tão valiosa num tempo, cessa de o ser em outro. Exatamente por ser valioso, a mediocridade o alcança, o arrasta para baixo e o banaliza. Assim o foi com o título de nobreza, assim o está sendo com o título de *doutor*.

E prosseguindo, ainda, Antonio Varrão com a palavra disse:

– Eu gostaria de fazer pequeno resumo do já dito, para concluir e formular minha pergunta. O egoísmo consiste num sentimento de posse não somente sobre seres e coisas, mas também sobre aptidões, qualidades que tentamos desenvolver em nós mesmos. Não queremos as coisas em si, mas elas pelos seus valores; seres e objetos podem deteriorar-se, perdendo o valor, e, aí, nós os não queremos mais. Portanto, o que só queremos são os valores, os nossos próprios, e os alheios os quais podem estar na inteligência, na conduta moral, na cultura, no caráter, em nossa maneira de estar frente à vida, frente ao mundo. Nós nos tornamos mais ou menos valiosos, conforme nos acercamos e nos saturamos dos valores de nossa época, segundo já se disse aqui.

E após meditar um pouco, prosseguiu Antonio Varrão:

– Aí nós temos dois caminhos, ambos verdadeiros, ambos certos, dependendo de onde se quer chegar. O primeiro caminho diz: “nós nos tornamos mais ou menos valiosos, conforme nos acercamos e nos saturamos dos valores de dada época”. Este é o caminho da mediocridade que não luta contra o meio, caminho do tradicionalismo. Mas, se todos fossem assim, como haveria mudanças? Quem as promoveria? O tal que segue esta regra não será uma inércia à toda renovação? Acaso não é contra essa muralha do conservadorismo que se despedaça o inovador? E há mais isto: dado que há épocas, em que os valores mudam, então eles são relativos. Mas sê-lo-ão, também os valores morais? Um ato ou gesto sublime de bondade, de perdão, acaso está sujeito às contingências da história, à relatividade do tempo, do espaço e da cultura ?

Depois desta saraivada de argumentos e de perguntas de Antonio Varrão, Árago, esfregando as mãos de contente, disse, sorrindo:

– Nossa escola vai indo muito bem. Para estar de acordo com o mundo, é preciso seguir os valores estabelecidos para a época; para fazer o mundo andar, necessário se faz *descobrir valores novos*, ou novas concepções de valores. Eu disse *descobrir* e não inventar, porque os valores se descobrem e não se inventam; e assim como progride a ciência com as descobertas das verdades científicas, igualmente progride a axiologia com as descobertas dos valores. Os valores, portanto, não são relativos, embora seja relativa a sua tomada de posse, a sua conquista na história. Uma filosofia determina seus valores; mas, acaso essa filosofia corresponde à Verdade? Vimos já como o *realismo* medieval, importado dos gregos, em desprezando o mundo, desprezava, igualmente, o corpo. Mantê-lo em desconforto era esforço de santificação. Daí os piolhos serem considerados como “pérolas de Deus”, pelo que a sujeira corporal passou a ser valor positivo. Os valores pautados pela doutrina de Nietzsche... que é a da *vontade de poder*, põem a força no pináculo como virtude suprema. E quem disse estar certo Nietzsche? Esta doutrina da força encontra sua antítese, sua oposição na de Cristo cuja virtude máxima é a bondade, o perdão até para com os inimigos. Para Platão e Sócrates nenhuma virtude é maior que a sabedoria, e é impossível quaisquer virtudes reais sem ela. Se fôramos tomar a natureza biológica por mestra da vida, não só haveríamos de considerar a força como virtude suprema, senão, também, a astúcia. O homem subiu a rei da criação, não tanto por ser forte, senão, e sobretudo, por ser astucioso e inteligente. Os valores, como estamos vendo, estão associados às doutrinas, havendo relatividade na abordagem da verdade e dos valores, porém, não que a verdade e os valores, em si mesmos, sejam relativos. Assim sendo, temos todos de convir que há de haver uma Verdade no universo que nós buscamos por todos modos. Não somos ainda senhores dessa Verdade; pois bem: o Valor que corresponde a essa Verdade, esse será historicamente absoluto, e nesse paramos, e desse não sairemos jamais. Assim o entendo. Todavia, antes de prosseguir, vamos procurar saber o que vem a ser o próprio valor.

II - MEDITAÇÃO SOBRE O VALOR

No outro dia de reunião, no sábado seguinte, Árago esperava já os demais estudiosos em sua biblioteca. As janelas estavam abertas para refrescar, e a iluminação elétrica era farta. Dona Cornélia fazia sempre muito gosto nessas reuniões, e, de sua parte, nunca faltava com o café, e, às vezes, com quitutes e guloseimas.

Ao irem chegando, todos se cumprimentavam sorridentes e loquazes, até que chegou o momento do estudo sério. Tomando a palavra, principiou Árago:

– Nós vamos estudar os valores, e eles aparecem com o nome de axiologia. Deste modo, axiologia é o estudo dos valores. A axiologia é estudo que se faz na ontologia, e, não, na metafísica. A metafísica, como vocês sabem, trata do ser em geral; a ontologia que se define como “*teoria do ser*”, estuda o ser em particular. Por isto, dever-se-ia chamar “*teoria do ente*”, em vez de “*teoria do ser*”. Como os valores só podem ser achados nas coisas individuais, em particular, então axiologia é parte da ontologia. Outra coisa: nós vamos jogar com mais dois termos que são: ôntico e ontológico; qual a diferença entre esses dois adjetivos? O termo *ontológico* é usado quando nos referimos a dada coisa em relação a uma teoria; *ôntico*, quando faz referência à coisa em si mesma, em sua relação

existencial, objetiva. Quando é uma teoria que se refere à coisa, ao ser, então, *ontológico*. Quando nos referimos à coisa em primeira mão, sem “logias” ou estudo algum, então, *ôntico*.

E pondo-se a ponderar, por curto tempo, em silêncio, prosseguiu com um gesto, como o de quem achara o caminho por onde seguir, dizendo:

– Vamos repetir o estudo que fizemos aqui, já faz bastante tempo. Vamos, em imaginação andar pela praia, ver o mundo, deliciar-nos com as paisagens. Estamos no mundo, tendo à mão uma infinidade de coisas, de objetos, de animais, de árvores, barcos, canoas, etc. Com essas coisas organizamos nossa vida: usamos delas e dos barcos para a pesca, estendemos nossas redes no mar, colhemos frutos, saboreamos a água dos cocos, que mais fazemos? Atuando em nosso contorno, modificamos tudo o que se acha em nosso redor. E um ato que praticamos relativamente a todas essas coisas é *pensá-las*. Então perguntamos: o que é o mar, o vento? O ar tem peso? Que são as ondas?

– Mas, vejamos bem – prosseguiu o mestre – nossa atitude inicial não foi a de pensar; de começo, agimos como crianças que exploram o seu mundo sem pensar nem perguntar. O pensamento se nos impõe face à necessidade de se saber o que são as coisas, e apareceu com a pergunta: *o que é isto?* O mundo primário, portanto, não é o problemático; é-o, este, sim o secundário e derivado, e data de quando o homem se tornou num decifrador de enigmas. Não temos que lidar com as coisas, e elas oferecem-nos resistências, obrigando-nos a saber o que elas são. Nesse esforço por conhecer em procurar saber o que as coisas são, ocorre-nos perguntar: o que as causam? O que causa esta onda? Estas conchas são causadas pelo que? Reparamos que cada coisa é causada, e que causa é um *quê antecedente* o qual, tendo-se transformado na coisa presente que temos sob os olhos, transformar-se-á num *quê conseqüente*. Assim qualquer coisa tem causa, antecede, no tempo, a forma que aí está como presente. Estando no tempo, com um antes e com a certeza de um depois, possuí, portanto, a propriedade ôntica de um *ser presente* o qual, no passado foi e no futuro será outra coisa. O ser tanto mais se mostrará pleno, quanto mais longo, largo for o seu presente. Assim há entes cujas existências se medem por milésimos de segundo, como certas partículas sub-atômicas, e há entes como o universo. Daqui o dizer-se de Deus que é um presente que se eterniza.

– Afora que as coisas são causais e temporais – continuou Árago – havemos de convir, também, que elas ocupam lugar no espaço, são espaciais. Sendo espaço e tempo dimensões contíguas, hoje sabemos pela física, não existe temporal que ipso facto não seja também espacial e vice-versa. Causa, tempo e espaço, eis as categorias ônticas de qualquer coisa sobre a qual venhamos a pôr as mãos ou os olhos. Já essas mesmas coisas possuem outras categorias ônticas que vamos separar só para fins de estudo.

E após meditar um pouco, prosseguiu o mestre:

– Tornemos à praia, em imaginação. Lá deparamos com um caracol; procuramos desenhar sua carapaça, e verificamos tratar-se duma espiral. Uma palmeira cortada em plano horizontal dá-nos cilindros cujos topos são círculos. Se o corte for oblíquo, obteremos elipses. Tudo isso saído do tronco da palmeira que derrubamos lá fora, no mundo. Como na vez anterior, começamos a perguntar: o cilindro tem causa? Alguma coisa anterior, se mudou em círculo, e este há de tornar-se noutra figura? Seria o círculo como a castanha, e assim como esta produz a castanheira, o círculo produziria a “circularia”? Assim como o círculo, a elipse, o triângulo e as demais figuras geométricas não têm causa. Quando olhamos para o céu estrelado, cada grupo de três estrelas imaginamo-los ligados por linhas e isso nos dá infíndos triângulos. O que causa os triângulos? Nada os causa; nada causa os objetos geométricos; eles conservam entre si uma relação lógica como a da premissa e conseqüências, porém, não, relação causal. Como tais *objetos*, que vamos chamar *ideais*, não têm relação causal, ipso facto, não estão no tempo. Não houve um tempo em que o triângulo não era, e depois ele passou a ser. Ele é intemporal. Também, tais objetos ideais não ocupam lugar no espaço; eles são, abstratamente, em nossa inteligência, e não fora dela.

Neste ponto do desenvolvimento de Árago, interveio Maurício Scharba argumentando:

– O senhor diz que os objetos ideais estão só na nossa inteligência, e se contradiz mostrando ser possível as figuras geométricas na natureza exterior; como é isso?

– Este assunto, meu caro Scharba, já foi estudado noutras oportunidades, talvez, com você ausente. Mas trata-se do seguinte: quando eu digo: *triângulo*, refiro-me ao triângulo em geral do qual você não pode traçar o desenho; trata-se da triangularidade, da essência do triângulo. Esse é

um *objeto ideal* ou puro *ente de razão*. Agora, quando eu digo: triângulo equilátero, já individuei o triângulo cuja forma pode ser desenhada com giz, numa lousa, ou com lápis, num papel. Dessa espécie de triângulo individuado você pode encontrar desenhado nas cores dos pássaros, dos insetos, dos répteis, afora que, quaisquer três pontos podem ser imaginados como que unidos por linhas. A mesma coisa com a essência ou conceito de cavalo que não pode ser representado por figura. Já o cavalo individual se desenha, não só na nossa imaginação como matéria psíquica, como pode, de aí, ser transladado para o papel ou para a tela se formos desenhista ou pintor. A forma é a que acompanha a matéria lá na natureza, e pode ser representada. A essência é a generalização das formas numa única expressão, e esta não se pode representar por figura. Se estiver claro o assunto, para você, prezado Scharba, podemos prosseguir.

– Como vocês estão vendo – continuou o mestre – no mundo há *coisas*, no mundo há *formas das coisas* das quais generalizamos os *objetos ideais* utilizados em nossa linguagem. Haveria, no mundo, ainda, algo mais que estudar? Os turistas apinham-se em nossas praias, ficam à caça de um nascer ou pôr de Sol, fixam tudo em suas películas fotográficas dizendo-nos tratar-se de “momentos de beleza”. Fotografam a praia, árvores, grupos coloridos de pessoas, de moçoilas lindas, de pescadores no duro afã de arrastar suas redes. As vezes, uma simples canoa abandonada na praia é motivo fotográfico ou para alguma tela, advindo, daí, um quadro belo. Então, nós nos perguntamos: o que é a beleza? Acaso a beleza é uma coisa que podemos pegar na mão? Que me diz disso Varrão?

Antonio Varrão, pego desprevenido, tossiu, agitou-se na cadeira, e depois respondeu:

– Não. A beleza não é uma coisa.

– Se não é uma coisa, então, é um objeto ideal? Que diz a isso Licas?

– Digo que a beleza não é causal, porque, toda causa tem um efeito que é causa de outro efeito. Pela mesma razão de não ser causal, não está no tempo nem no espaço. A beleza está nas coisas, e não fora delas como abstração. Não sendo abstrata, não é como os objetos ideais.

– Então, meus amigos, se a beleza não é coisa e não é objeto ideal, ela só pode ser uma *qualidade das coisas*. Então a beleza, em si mesma, *não é* mas *vale*, isto é, as coisas tem ser ou essência, no passo que a beleza não tem essência ou ser, mas valência. E assim com todos os demais valores que não são mas estão... como qualidades nas coisas. Quando dizemos que a rosa é bela, não há maneira de separar a beleza da rosa; todavia o fato de ser a rosa bela ou feia, isso não acrescenta nem diminui ser à rosa. Assim, a beleza é uma qualidade encontrada na rosa, na árvore, na paisagem. Como a beleza não pode ser classificada nem como coisa, nem como objeto ideal, então ela é *qualidade das coisas*, visto que, para os objetos ideais, não é possível predicar qualidades. Essas qualidades das coisas, dos entes reais, das ações deles sobre o meio, são chamados valores e são estudados no capítulo da ontologia com o nome de axiologia. Axiologia, caro Varrão, é parte da *ontologia* que não da *metafísica*, por que?

– Porque – respondeu Varrão – a metafísica trata dos seres em geral, dos objetos ideais, e, aí não entram os valores como qualidades. A ontologia, como *teoria do ente*, estuda os seres de uma maneira particular, ôntica, e aí cuida mais proximamente das coisas em situação. Neste caso, tomadas individualmente, as coisas possuem qualidades de valor além das categorias ontológicas de causalidade, temporalidade e espacialidade, entre outras.

– Está bem – tornou o mestre. – O valor é o que poderíamos chamar de “estado em que se apresenta uma coisa”. Tomemos a rosa vermelha, viçosa, cheia de vida, exuberante de beleza. Depois de não muito tempo, ei-la murcha, descolorida, feia, desfigurada. Esses estados de conservação todos são valores. Daí o dizermos que os valores são mutáveis percorrendo uma como escala de graus. Há mais e menos belo, e há mais e menos feio. Portanto, por motivo dessa graduação, os valores são polarizáveis.

– Quer dizer, neste caso – concluiu Scharba – que podemos traçar uma linha dos valores, semelhante a abscissa cartesiana dos valores algébricos, considerando positivo, de zero para a direita 1, 2, 3, etc., e, negativos, do mesmo zero para a esquerda -1, -2, -3, etc.? Os valores da direita: beleza, saúde, heroísmo, riqueza, liberdade, correspondem aos respectivos contra-valores: fealdade, doença, covardia, escravidão, postos ao longo da linha à esquerda de zero?

– Acertou! – disse Arago. – Daí que todo valor tem o seu contrário, donde vem que os valores são polarizáveis. Todavia, esta polaridade dos valores difere da dos *objetos reais* ou *coisas* já estudados em nossos serões. Um átomo tem o seu contrário com o qual se combina formando uma

molécula. Núcleo atômico e calota de elétrons formam o átomo. Vejamos agora: o heroísmo não se junta à covardia de nenhum modo para produzir coisa alguma. Logo, trata-se de polaridade diferente. As coisas mudam no que se refere ao valor, podendo ir do mais para o menos e vice-versa. A rosa era toda beleza, ocupando grau positivo, e, no entanto, em morrendo, murchou-se, tornou-se feia, secou-se. O pecador, estando do lado esquerdo da escala dos valores, poderá cair em si, arrependendo-se, emendar-se, passando para a direita de zero, tornando-se até num santo.

– Afora que os valores são polarizados – prosseguiu o mestre – possuem eles hierarquia. Podemos, neste caso, organizar uma relação ou lista desses valores. Esta hierarquia, como se vê, é arbitrária, dependendo ela da cultura. Como já vimos, se a doutrina que pauta os valores for a de Nietzsche, a relação ou lista deles será diferente da relação elaborada por um seguidor de Cristo. Porém, como já dissemos, tem que haver uma Verdade no universo; a relação que corresponde a essa Verdade, essa não será arbitrária. E é indo no encaixe dessa relação e na busca dessa Verdade, que o nosso egoísmo se expande ou se dilata. Como já foi citado de Vieira neste estudo: “Quem estima vidros, cuidando que são diamantes, diamantes estima, e não vidros; quem ama defeitos, cuidando que são perfeições, perfeições ama, e não defeitos”³. Ora, se alguém mostrar ao tal o verdadeiro diamante, nesse ponto ele jogará fora os seus vidros, e sua esperança de posse se expande, se dilata para uma conquista muito mais difícil. Outro não é o negócio proposto por Cristo ao moço rico: “Vai, vende tudo o que tens, e dá aos pobres, e terás um tesouro nos céus; e vem, e segue-me”⁴. Contudo, o mancebo preferiu os vidros fáceis da riqueza, do que o diamante raro e dificultoso da virtude. Preferiu, porque a riqueza tinha o beneplácito, o aprazimento do mundo, no passo que a virtude do desprendimento não tinha senão o sarcasmo e a zombaria. Sobre ser difícil doar os bens, ainda era preciso arrostar com a sociedade, sofrendo-lhe a coerção social, visto que os homens não dão nada a ninguém, e, por isso, não entendem quem o faça. Por tudo isto o mancebo rico afastou-se de cabeça baixa, tomado de muita tristeza.

– Vamos seguir agora – continuou o mestre – a relação já existente no livro de Garcia Morentes “Fundamentos de Filosofia – Lições Preliminares”. A relação hierárquica começa com os **valores úteis**, assim: **úteis, vitais, lógicos** ou **intelectuais, estéticos, éticos e religiosos**. Os **valores úteis** dizem respeito a tudo o que é adequado ou inadequado ao nosso conforto, ao nosso bem estar, como bens, riqueza, etc. Quem quiser ver a extensão dessa área de valores, olhe para a economia política. Vem, a seguir, os **valores vitais** que se referem ao forte ou fraco, ao sadio ou enfermo, à saúde, ao esporte, jogos e a tudo o que se refere à vestimenta, à moda, etc. Vem, na relação os **valores intelectuais**, começando por verdade, falsidade e mais tudo o que nos dá a cultura desde a filosofia ao leque de ciências nascidas dela, com seus laboratórios, campos universitários de pesquisa pura, todo esse mundo formidável, fantástico, frenético, palpitante que jamais pára. Tem lugar, a seguir, os **valores estéticos**, o mundo da beleza, da poesia, da arte, do sublime e também do feio, do ridículo, do grotesco; nesse espaço da estesia se movimentam todos os artistas, sendo esse o mundo da arte a interpenetrar os outros demais mundos, porque tudo o que se faz, pode-se fazer com arte, com beleza, com perfeição estética. Avançando mais na série hierárquica, deparamos com os valores capazes de pôr normas ao demais, que são os **valores éticos**. Sem estes, os outros acabam por se desvirtuarem. Aí está a consciência do justo e do injusto, do que seja a misericórdia e o pecado. Todo o conjunto de leis e regulamentos pertence a esse nível hierárquico. Quem medita sobre a misericórdia e a desapietada, está ajuizando sobre **valores éticos**. Finalmente, vêm os **valores supremos** que são os **religiosos...** capazes de produzir o santo. Aí estão santo e profano referentes à divindade que é o máximo para onde o homem deve encaminhar-se. Sem esta instância suprema de recorrência, sem este valor religioso (não importa que a religião seja pessoal ou social), sem esta base de sustentação, não se formam os **valores éticos** ou **morais**, e sem estes, os outros se desvirtuam.

– Pelo que vocês estão vendo – continuou o mestre – estes valores estão em nossa vida, e nós os aceitamos, não, assim, separados, como fizemos para fins de estudo, mas tudo se nos mostra entrosado. No modo de um homem agir no campo dos valores úteis, por exemplo, nesse momento ele pensa com sua inteligência (valor intelectual) e decide com sua vontade (valor moral), controla para que o negócio seja honesto, não fraudulento (valor ético). Uma obra de arte, tela, livro, escultura, música, etc., para ser boa há que observar as regras da ética. Não basta invocar a liberdade

³ Vieira, Sermões, 3, 378 – Ed. das Américas

⁴ Mateus 19, 21

para fazer o que se quiser, porque, neste caso, a liberdade passa para a esquerda de zero, tornando-se num contra-valor que se chama libertinagem, ou seja, escravidão do sexo. E não vale o argumento de que a música ou livro foram bem aceitos pelo populacho, e o disco, bem vendido: a chulice pornográfica que deleita a sub-humanidade do homem e das multidões, é sempre um contra-valor. Assim, a idéia de Deus e da sobrevivência do espírito após a morte física geram valores religiosos ou crenças que fundamentam todos os demais valores, indo até no campo da ação. Daí o poder dizer-se: dize-me como ages em tua conduta diária, e dir-te-ei qual é a tua crença, ou qual é o verdadeiro Deus em que crês.

– Estes valores todos – continuou Árago – tornemos a repetir, nunca estão sozinhos; eles aparecem associados e não há quem faça uma coisa que pertença a uma única classe de valores. E como temos analisado bastante os valores, penso podermos mostrá-lo em sua dinâmica social.

III – A DINÂMICA DOS VALORES

Passado uma semana, Árago achava-se em sua biblioteca ocupado com a leitura de um livro, quando começaram a chegar os estudiosos. Fechou o mestre o livro, e ficou proseando sobre assuntos diversos com os que vinham chegando. Quando todos estiveram reunidos, Árago deu início ao estudo da noite, dizendo:

– O homem, diz Ortega, para agir, precisa de convicções, e a estas chamamos crença. Ainda mesmo o céptico possui uma determinada crença e é a de que não se pode crer realmente em nada. Como se vê, as crenças são as idéias que sustentamos ou mantemos, donde vem que se trata de *idéias que somos*, ou, no dizer de Ortega, “nós somos as nossas idéias”. Os pensamentos chamados *idéias*, são objeto de nossa discussão, do nosso discurso; os pensamentos chamados *crença*, são a nossa *intuição* indemonstrável que supomos: a estes não os pensamos, mas, os damos por supostos. Isto é o que se chama estarmos numa crença. As dúvidas pertencem ao mesmo extrato das crenças, e uma e outra constitui a nossa realidade, o que significa que *estar em dúvida* é do mesmo extrato que *estar em crença*. Há, contudo, uma diferença entre os dois modos de estar: ocorre que as crenças são estáveis, no passo que as dúvidas são transitórias. A situação de dúvida não pode ser tolerada, porque ela inibe a ação, ou impede de se saber como agir. Por isso, quem está em dúvida tem que entrar em pensamentos, em lucubração, a fim de formar nova crença. Deste modo, a função de idear é o único modo de nos mantermos flutuando no que Ortega chama “o mar de dúvidas” que nos cerca por todos os lados.

– Assim sendo – prosseguiu o mestre – todo comportamento nosso decorre de um conjunto de conceitos que nós temos por verdadeiro. Esse conjunto de conceitos, podemos chamá-lo de a nossa verdade, de nossa mentalidade, de nossa crença. Portanto, a mentalidade ou crença não é mais do que o conjunto de conceitos, tidos por nós por verdadeiro. Como vocês estão vendo, esse conjunto de conceitos forma uma unidade, e a alteração de qualquer deles implica na alteração dos outros, dado que todos se inter-relacionam. A não ser para um esquizóide, não é possível mudar um conceito importante, sem que os demais tenham de ajustar-se à mudança. Assim a nossa crença é uma unidade dentro da qual não se permite nada que seja contrário a ela. A aceitação do que quer

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

